



**ANNUAL
MEETINGS**
2020 | VIRTUAL
INTERNATIONAL MONETARY FUND
WORLD BANK GROUP

October 15, 2020 (P)

Address by **DAVID MALPASS**,
President of the World Bank Group,
to the Boards of Governors of the World Bank Group

Introdução

Presidente Addison, obrigado pelos seus comentários. E obrigado, Governadores, Kristalina, e distintos convidados por se juntarem hoje a nós. Queria fazer uma atualização sobre o que o Grupo Banco Mundial (GBM) tem feito desde as Reuniões Anuais do ano passado, particularmente em relação à nossa resposta à COVID-19 e os progressos feitos na transparência da dívida.

O número de vítimas da pandemia da COVID-19 tem sido enorme, e é provável que as pessoas nos países mais pobres sofram durante mais tempo e mais duramente. A crise levou mais economias a uma recessão simultânea do que em qualquer outro momento desde 1870, e pode levar a uma década perdida caracterizada pelo fraco crescimento, um colapso de muitos sistemas de saúde e de educação e uma nova ronda de crises de dívidas soberanas.

Como resposta, a nossa abordagem no Grupo Banco Mundial tem sido abrangente. Estamos focados em salvar vidas, proteger os pobres e vulneráveis, trabalhar para o crescimento sustentável das empresas e reconstruir de melhores maneiras.

Hoje, vou focar-me nos quatro aspetos mais urgentes deste trabalho.

Tópico 1: Pobreza e desigualdade

Em primeiro lugar, temos de redobrar os nossos esforços para **aliviar a pobreza e a desigualdade**. A COVID-19 levou a um retrocesso sem precedentes no esforço global para acabar com a pobreza extrema, aumentar os rendimentos médios e criar prosperidade partilhada.

Espera-se que a economia global recupere parcialmente em 2021 da sua pior recessão desde a Segunda Guerra Mundial. Embora esteja a crescer novamente, prevê-se que a atividade global permaneça bem abaixo da sua tendência pré-pandemia durante um longo período. A evolução até à data aponta para recessões mais reduzidas nas economias avançadas e para uma recuperação mais robusta na China do que as

estimativas anteriores. No entanto, na maioria das outras economias emergentes e em desenvolvimento, as recessões em 2020 revelaram ser muito mais profundas e as recuperações foram mais lentas do que as estimativas de junho, refletindo em grande medida perturbações económicas mais prejudiciais pela pandemia.

As novas projeções do Banco Mundial para a pobreza sugerem que, em 2021, mais 110 a 150 milhões de pessoas cairão na pobreza extrema, vivendo com menos de US \$1,90 por dia. A COVID-19 e a crise económica que lhe está associada, agravada pelos efeitos dos conflitos armados e das alterações climáticas, estão a reverter ganhos duramente conquistados na redução da pobreza, terminando mais de duas décadas de progresso contínuo. Prevê-se que a pobreza aumente em 2020 pela primeira vez desde 1998. É claro que enfrentamos uma pandemia de desigualdade única: a recessão é mais ampla e mais profunda, e atingiu de forma mais severa os trabalhadores do setor informal e os pobres, especialmente as mulheres e as crianças.

O grupo do Banco Mundial tomou medidas amplas e rápidas bem cedo, e proporcionámos grandes fluxos líquidos positivos aos países mais pobres do mundo. Estamos a fazer bons progressos em direção à nossa anunciada meta de 15 meses de US\$160 mil milhões no aumento do financiamento, grande parte para os países mais pobres. Mais de US\$50 mil milhões dessa quantia é sob a forma de subsídios ou empréstimos com taxas reduzidas, de longo prazo, fornecendo assim recursos cruciais para manter ou expandir os sistemas de saúde e as redes de segurança social. Graças ao generoso apoio dos doadores da AID ao AID-19 em dezembro, e à conclusão dos pacotes de aumento de capital do BIRD e da IFC em março, esta dimensão da resposta é coerente com os quadros de sustentabilidade financeira acordados para as nossas instituições.

Tópico 2: Capital Humano

Em segundo lugar, temos de tomar nota da perda de capital humano que está a ocorrer e do que pode ser feito para o restaurar. Antes da pandemia, os países em desenvolvimento estavam a fazer progressos significativos e, nomeadamente, a começar a colmatar as disparidades entre homens e mulheres.

Devido ao surto, mais de 1,6 mil milhões de crianças nos países em desenvolvimento ficaram sem escola, o que implica uma perda potencial de até US\$10 mil milhões de ganhos ao longo da vida para esses estudantes. A violência baseada no género está a aumentar. É também provável que as taxas de mortalidade infantil aumentem significativamente.

Estes recuos implicam um impacto a longo prazo na produtividade, no crescimento dos rendimentos e na coesão social, e é por isso que estamos a fazer tudo o que podemos para reforçar a saúde e a educação nos países em desenvolvimento.

No setor da saúde, estabelecemos uma rápida resposta à COVID que deu apoio de emergência a 111 países até agora. A maioria dos projetos está atualmente em fases avançadas de desembolso para a compra de máscaras, equipamento de emergência e outros fornecimentos relacionados com a COVID.

Estamos também a ajudar os países em desenvolvimento com vacinas contra a COVID e produtos terapêuticos. Planeamos disponibilizar até US\$12 mil milhões aos países para a compra e distribuição de vacinas contra a COVID-19. A IFC também está a investir fortemente em fabricantes de vacinas através da sua Plataforma Global de Saúde com um total de US\$4 mil milhões.

Na educação, estamos a ajudar os países a reabrir as escolas primárias e secundárias de forma segura e rápida. Estamos a trabalhar em 65 países para implementar estratégias de aprendizagem à distância, combinando recursos online com rádio, TV e redes sociais, e materiais impressos para os mais vulneráveis. Estamos também a fazer parcerias com a UNICEF e a UNESCO para estabelecer quadros para a reabertura das escolas.

Tópico 3: Endividamento

Em terceiro lugar, temos de ajudar os países mais pobres a reduzir permanentemente os seus encargos com a dívida e a atrair um investimento efetivo, o que exigirá um endividamento ainda maior e mais transparência no investimento.

Uma combinação de fatores levou a uma dívida excessiva em países onde não existe margem de erro. Nas reuniões da Primavera deste ano, propus, juntamente com a Diretora-Geral do FMI, Kristalina Georgieva, que os credores bilaterais oficiais do G20 suspendessem a cobrança de pagamentos do serviço da dívida aos países mais pobres. O G20 e o Clube de Paris aprovaram esta abordagem, que entrou em vigor a 1 de maio. No início de outubro, 44 países estavam a beneficiar de uma alívio do serviço da dívida estimado em US\$5 mil milhões.

Mas é preciso fazer muito mais. Exortámos o G20 a alargar o alívio da dívida até ao final de 2021. É importante que cada Governo do G20 inste a participação na Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida (DSSI) de *todos* os credores privados sob a sua jurisdição e por todos os seus credores bilaterais do setor público. Os credores privados e os credores bilaterais não participantes não devem ser autorizados a beneficiar do alívio da dívida de outros, certamente não à custa dos pobres do mundo.

Temos de trabalhar em conjunto para alcançar a total transparência dos termos da dívida pública existente e de novas dívidas e compromissos semelhantes à dívida pública dos governos. Para os países mais pobres, credores e devedores devem abraçar essa transparência, a fim de trabalhar rapidamente para a sustentabilidade da dívida a longo prazo, o que é do interesse de todos.

Precisamos também de novos instrumentos para reduzir o endividamento dos países mais pobres. O Banco Mundial e o FMI estão a propor ao Comité de Desenvolvimento um plano de ação conjunto para a redução da dívida dos países da ADI confrontados com situações de dívida insustentáveis.

Tópico 4: Promoção de uma recuperação inclusiva e resiliente

Em quarto lugar, temos de trabalhar em conjunto para facilitar as mudanças necessárias para uma **recuperação inclusiva e resiliente**. Um passo crucial para gerar uma recuperação sustentável será que as economias e as pessoas permitam e aceitem a introdução de alterações. Os países terão que permitir que o capital, o trabalho, as

competências, e a inovação mudem para um ambiente de negócios diferente, pós-COVID. Isto coloca um esforço adicional sobre os trabalhadores e as empresas para que utilizem as suas competências e inovações de novas formas, e num ambiente empresarial que provavelmente irá depender mais de ligações eletrónicas e menos de viagens e apertos de mão.

Em termos mais gerais, a COVID-19 demonstrou, com um efeito mortal, que as fronteiras nacionais oferecem pouca proteção contra algumas calamidades. É fundamental que os países trabalhem para avançarem em direção aos seus objetivos climáticos e ambientais. No meio da pandemia, o grupo do Banco Mundial continuou a ser o maior financiador multilateral da Ação Climática. Nos últimos cinco anos, fornecemos US\$83 mil milhões em investimentos relacionados com o clima. Fico feliz em dizer que, no Ano Fiscal de 2020, o meu primeiro ano completo como Presidente, o grupo Banco Mundial fez mais investimentos relacionados com o clima do que em qualquer outro momento da sua história. Tencionamos intensificar esse trabalho nos próximos cinco anos.

Os desafios futuros

A dimensão dos desafios que temos pela frente é espantosa. Para colocar o desafio financeiro em perspetiva, considerem os 100 milhões de pessoas que receamos que já tenham sido empurradas para a pobreza extrema pela COVID. Fornecer-lhe apenas US\$2 por dia custaria US\$70 mil milhões por ano, e isso apenas para desfazer uma parte dos danos provocados pela COVID e muito além da capacidade financeira do Grupo Banco Mundial ou de qualquer outra agência de desenvolvimento. Isso torna claro que o envelope para três anos da AID-19, de US\$82 mil milhões, não será suficiente para satisfazer as necessidades dos países mais pobres do mundo neste momento de desespero. Por necessidade, e com o forte apoio dos seus acionistas, a AID tomou medidas amplas e rápidas para recarregar os recursos da AID-19 e disponibilizar um financiamento em grande escala este ano para apoiar os esforços iniciais para fazer face aos impactos económicos e sanitários da COVID. Um pacote suplementar de financiamento de emergência para a COVID de US\$25 mil milhões evitaria um "precipício de financiamento" no AF22-23 e disponibilizaria recursos adicionais para os países da AID para apoiar as suas recuperações.

Dentro do WBG, eu estou a trabalhar para construir a equipa de desenvolvimento mais forte do mundo e um modelo de negócio ainda mais ágil que pode ajudar cada país cliente e cada região a alcançar melhores resultados de desenvolvimento. Nomeei quatro novos líderes seniores no AF20, e fizemos doze nomeações ou reafectações para Vice-presidentes. Realinhamos o pessoal e a gestão do Banco Mundial para impulsionar programas de país coordenados e colocar os conhecimentos de alta qualidade no centro das nossas operações e política de desenvolvimento. Reforçámos também o nosso foco em África, criando duas Vice-presidências, uma centrada na África Ocidental e Central e a outra na África Oriental e Austral. Utilizando o aumento de capital, a IFC está a manter e a construir a sua estratégia 3.0 para ajudar os países a criar mercados e está a trabalhar com a MIGA e o resto do Grupo Banco Mundial na promoção de maiores investimentos e infraestruturas de qualidade para permitir uma recuperação de base ampla e um desenvolvimento a longo prazo. Estamos determinados a assegurar processos de responsabilização sólidos e estamos a fazer progressos rápidos para implementar o novo conjunto de ferramentas do Painel de Inspeção para o Banco Mundial e para concluir a revisão e a reforma do Ombudsman Conselheiro para a Conformidade para a IFC e a MIGA.

Mesmo no meio de uma crise que ocorre uma vez a cada século, sinto-me encorajado por países que já estão a tomar medidas ousadas, aprendendo rapidamente e a partilhar as suas experiências e resultados para o benefício de outros. Estou confiante de que surgirão soluções sustentáveis, em parte através da adoção de mudanças construtivas, por meio da inovação, novas utilizações para os ativos existentes, trabalhadores que utilizam as suas competências de novas maneiras e uma redefinição dos encargos das dívidas excessivas. Sistemas de governação fortes podem ajudar a criar um estado de direito estável, que permita e facilite a inovação e a mudança. Trabalhando em conjunto, acredito que podemos encurtar a recessão e construir uma base sólida para um modelo de prosperidade mais durável: um modelo que pode melhorar todos os países e todas as pessoas.

Obrigado.